



Estratégias de ensaio para a construção do som coletivo em coros amadores

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: PERFORMANCE

Carlos Fiorini

UNICAMP - fiorini.carlos@gmail.com

Paula Castiglioni

UNICAMP - paulapcasti@yahoo.com.br

Resumo: O objetivo deste artigo é discutir os procedimentos de ensaio para a construção sonora coletiva do coro amador. O método utilizado foi baseado em uma revisão bibliográfica exploratória, relacionando a literatura levantada com a realização do plano de ensaios, da regência e elementos musicais em prol da construção da sonoridade artística de coros formados por cantores leigos. Propõe-se que a busca da qualidade sonora do coro amador tenha como fonte a elaboração antecipada, detalhada e prática de planos de ensaio adequados ao grupo e também se sugere que o processo gradual de construção da identidade sonora em conjunto seja alcançado conforme o êxito das estratégias promovidas pelo regente.

Palavras-chave: Planejamento de Ensaio para Coros. Estratégias para Construção da Sonoridade de Coros Amadores.

Rehearsal strategies for the construction of the collective sound in amateur choirs

Abstract: The purpose of this paper is to discuss the test procedures for collective sound construction amateur choir. The method used was based on an exploratory literature review, relating literature raised to the completion of the test plan, regency and musical elements for the construction of artistic sounding choirs made up of lay singers. It is proposed that the pursuit of sound quality amateur choir whose source is the early preparation, detailed and practical test plans appropriate to the group and also suggests that the gradual process of building a sound identity together is achieved as the success of strategies promoted by the regent.

Keywords: Rehearsal Planning for Choirs. Strategies for Building Sonority Amateur Choirs.

1. Definindo coro amador e a relação com o regente

Para este trabalho define-se coro amador o grupo adulto misto, musicalmente heterogêneo, sem habilidades de leitura musical, não remunerado profissionalmente para essa tarefa e que a realiza principalmente por prazer, cuja intenção é a de se expressar socialmente através do canto. Delimitando-se as características do tipo de coro considerado, pode-se então traçar estratégias para as ações do regente e a conquista dos resultados que ele busca. O regente eficiente deverá dominar previamente o conteúdo musical a ser ensaiado, assumir uma postura de liderança além de investir constantemente no estudo musical pessoal, planejando

os ensaios de maneira organizada e que atenda claramente as necessidades específicas do coro no qual atua.

Certamente os cantores em questão serão, em grande proporção, musicalmente dependentes do regente, o qual assumirá a responsabilidade de ser entusiasta da música, dar coesão à sonoridade do grupo, exatidão rítmica, afinação, estimular a dicção clara, direcionar a respiração para o canto, além de ser referência vocal para a maioria dos participantes. Segundo Oakley “O regente é pessoalmente responsável pela construção do instrumento coral. O instrumento coral é o resultado direto da habilidade do regente, ou de sua inadequação, para ensaiar”. (OAKLEY, 1999: 113).

A reunião de pessoas interessadas em formar um agrupamento vocal, por si só, não proporciona fundamentos para o efetivo trabalho musical de um coro. É necessário construir sólida técnica vocal, experiência musical e aperfeiçoamento gradual dos integrantes. E para isso é necessário ensaiar regularmente. Paul Oakley afirma

O ensaio coral propicia ao regente a oportunidade de alcançar dois objetivos em uma só tarefa [...]: permitir aos cantores desenvolver experiência íntima, apurada e imediata com a música de grande valor. Ao mesmo tempo, o ensaio bem produzido fornece uma oportunidade para se alcançar objetivos curriculares de longo prazo, cujos benefícios poderão ser sentidos muito depois da apresentação da música ora sendo ensaiada (OAKLEY, 1999: 113).

O regente é responsável pela trajetória sonora do coro no qual trabalha. Deverá elaborar cuidadosamente os resultados que almeja alcançar, considerando o material humano disponível para o trabalho. Esta análise inicial é fundamental para a manutenção musical eficaz deste grupo leigo, pois se trata de cantores inexperientes.

O simples efeito do canto coletivo não traz inerente a ele o aspecto da qualidade sonora, portanto, aconselha-se que os seguintes elementos sejam trabalhados em todos os ensaios: consciência corporal, postura, respiração adequada ao canto, emissão, vocalização, dicção, sonoridade em conjunto e aprendizado do repertório. Todas estas etapas podem ser lapidadas gradualmente, conforme a eficácia do planejamento elaborado pelo regente com a principal finalidade de promover com solidez o crescimento musical do coro.

Alcançar uma saudável técnica de conjunto no coro é um processo de longo prazo. Sem planejar e antecipar as ações que ocorrerão no tempo destinado ao ensaio, dificulta-se o processo de construção e manutenção do som coletivo. Deve o regente estar disposto e preparado musicalmente para criar inúmeros processos para este mesmo fim. John Silantien afirma que “Não há coros ruins. É responsabilidade do regente conhecer uma variedade de

técnicas de ensaio e aplicá-las com o intuito de obter o melhor som possível de cada coro” (SILANTIEN, 1999: 91). Além disso, o regente relata sobre a possibilidade de se refazer um plano de ensaio ou ter que alterá-lo.

Planeje constantemente novas estratégias de ensino. Quando uma série de técnicas corretivas não surtirem os efeitos desejados, o regente deverá usar o período de tempo entre os ensaios para avaliar porque ela não funcionou e desenvolver novas estratégias. O educador criativo está constantemente buscando novas formas de transmitir conhecimentos. 'Não existem coros ruins' (SILANTIEN, 1999: 94).

A proposta deste artigo é apresentar estratégias de ensaio cuja principal finalidade é construir uma sonoridade coesa e de qualidade para o coro amador.

2. A construção da identidade sonora do coro

O instrumento coral é alicerçado no corpo dos cantores dispostos a realizar esta tarefa, somando as possibilidades vocais individuais com o intuito de executar arte em conjunto com qualidade. Cabe ao regente amparar musicalmente os leigos, conscientizá-los de que o instrumento vocal é o próprio corpo e que ter saúde viabiliza a voz plena e flexível, capacitada para executar qualquer categoria de repertório. Dedicar os primeiros minutos do tempo disponível para um leve alongamento e espaço para concentração no canto pode contribuir muito com o resultado final do ensaio.

A voz é o resultado sonoro de um instrumento que exige cuidados. Antes de tudo, uma voz só é boa se provém de um organismo sadio. A boa alimentação, o repouso equilibrado, os bons hábitos, a ausência de vícios e a disciplina são fatores indispensáveis para quem deseja ter uma boa voz (WÖHL, 2008: 11).

Outro alicerce da voz cantada a ser abordado em seguida no planejamento é o uso adequado da respiração, o qual deve ser estudado cuidadosamente. Como a fala ocorre no mesmo trato respiratório/vocal que o canto, utilizando-se dos mesmos órgãos, é comum no início dos ensaios que o cantor se confunda em relação à adequação do ar passando pelas pregas vocais. James Moore relata

A compreensão correta do processo de respiração no canto é básica em qualquer nível de produção vocal [...]. A primeira preocupação quanto à respiração correta é a mais básica, a postura. Faça com que mantenham uma postura ereta ao ficarem de pé, com o peso equilibrado sobre os dois pés, e faça-os respirar profundamente [...]. Depois, faça-os respirar para inflar a área abdominal. (MOORE, 1999 50).

O professor relata que mesmo no ato da expiração é imprescindível aos cantores preservar a postura e, assim, inflando o abdômen, começarão a trabalhar o diafragma e demais órgãos da respiração em prol do canto, para que obtenham suporte vocal e experiência na realização deste tipo de respiração. (MOORE, 1999: 51). Bons hábitos respiratórios são fundamentais para sonoridade segura do conjunto.

Após essa abordagem, enumera-se a padronização do uso das vogais. Este elemento irá unificar o som do coro e deve ser trabalhado intensamente no momento dos vocalizes. Possíveis dificuldades do repertório identificadas pelo regente devem ser estudadas antecipadamente nas possíveis soluções desta prática, permitindo que o coro entre em contato com os trechos difíceis antes da execução musical, assegurando-se do resultado obtido através dos exercícios propostos naquele ensaio.

Segundo Moore, o ponto de refinamento da qualidade vocal e de unificação sonora do canto em conjunto está na formação padronizada das vogais. Ela determina a qualidade e a maturidade do som, além de constituir o fator básico da afinação. Também afirma que o tempo do ensaio dedicado à vocalização é uma boa oportunidade para se trabalhar na produção correta das vogais, particularmente com exercícios em uníssono. É necessário que o coro conheça, pratique e identifique a formação das vocais básicas. (MOORE, 1999: 51).

A dicção também colabora significativamente para a unificação da sonoridade coral e, conforme os estudos de Paul Oakley, ela é definida como *pronúncia comum*. A integridade da dicção é a pronúncia clara de fonemas – um fonema é definido como cada som dentro de uma palavra. Assim, o regente afirma

Dicção clara é o resultado de uma combinação de fonemas cuidadosamente articulados. Essa sucessão de fonemas, é a base para cada palavra, cada oração (...). O regente habilidoso pode ensinar o significado do texto ao mesmo tempo em que transmite a enunciação adequada. Isso dá ao coro a oportunidade de buscar o significado mais profundo do texto enquanto aprende os princípios para uma dicção clara e precisa (OAKLEY, 1999: 122).

A síntese dos elementos citados acima como trabalho corporal, respiração, postura, padronização das vogais e dicção, ocorrem simultaneamente na execução da linha vocal de cada naipe do coro. Nesta prática existe a direção horizontal e vertical, as quais devem ser consideradas em relação à segurança da sonoridade coletiva.

O alcance de tal solidez sonora exige que cada componente domine o conteúdo musical de sua linha respectiva (aspecto vertical), escutando atentamente as sugestões do

regente para obter segurança na execução dos intervalos e realizar o fraseado indicado. Assim cada naipe será fortalecido e unificado devido à boa emissão, possibilitando possíveis ajustes entre o conjunto, mistura total e equilíbrio das vozes (aspecto horizontal).

Antes de uma linha vocal timbrar inserida em um conjunto, deve estar individualmente segura. Há dimensão horizontal quando todas as vozes direcionam-se ritmicamente iguais, compartilhando a mesma altura, qualidade, emissão e timbre. Quando as várias linhas estão misturadas horizontalmente, somente assim podem se fundir umas com as outras para terem um timbre coletivo comum vertical e horizontal¹ (EHRET, 1959: 34).

Qualificar a emissão das linhas vocais nestas duas dimensões é mais colaborativo do que considerar a quantidade de cantores em um naipe. Um naipe menor em quantidade de cantores e mais coeso, ritmicamente seguro e com boa entonação, costuma obter um resultado eficaz para a construção sonora coletiva musical e almejada.

A função primordial destes elementos enumerados acima é a prática simultânea na entonação do repertório. A musicalidade absorvida através da preparação dos ensaios deve estar presente constantemente desde os alongamentos, aquecimentos iniciais e vocalizes até o refinamento coletivo, tanto da valorização das linhas verticais quanto horizontais do tecido coral. Helena Wöhl afirma que “um grande desafio é compatibilizar graus distintos de musicalidade assim como de conhecimentos anteriores e ambições musicais”. (WÖHL, 2008: 18). Misturar completamente as vozes só ocorre quando as características individuais de cada voz são fundidas em um único som.

3. Conclusão

A construção da qualidade sonora em conjunto ocorre proporcionalmente aos resultados positivos de vários planejamentos de ensaios elaborados antecipadamente pelo regente. Para que haja regularidade desta prática na direção da identidade segura do coro, cada cantor somará ao grupo suas possibilidades artísticas, sem deixar de buscar efetivas melhorias musicais que não somente irá beneficiá-lo, mas como também todo o grupo.

A identidade sonora do organismo coral é resultado de uma longa série de planejamentos de ensaio, cujas consequências acontecerão a longo prazo. Porém, se realmente executados com segurança e coerência, os encontros serão repletos de qualidade artística. Moore defende a seguinte ideia sobre a construção do som para coros

A solução é que os cantores aprendam as partes vocais tão precisamente e ouçam tão cuidadosa e criticamente que a acuidade na entonação vá além daquela oferecida pelo piano ou diapasão. Essa habilidade, combinada com um alto nível de produção



vocal e edificada sobre hábitos apropriados de respiração e atenção detalhada aos sons vocálicos, pode resultar na aquisição de um *som desejado* e uma sonoridade que produza uma excepcional qualidade de conjunto. O resultado é um grupo coral que começa a ouvir em função de um som particular (MOORE, 1999: 52).

Conclui-se que o regente coral deva ensaiar e zelar pela qualidade do trabalho cotidiano com os cantores. Diante de tantas exigências musicais, cujas responsabilidades cabem ao regente, é fundamental organizar as etapas de trabalho antecipadamente com o principal objetivo de unificar a sonoridade do grupo amador através dos seguintes elementos: consciência corporal, respiração adequada, vocalização associada ao repertório, padronização de vogais e equilíbrio entre as vozes dos naipes do coro. Portanto para que haja resultados consideráveis na construção da identidade sonora coletiva e alcançar satisfatório alargamento da qualidade artística, aconselha-se ao regente elaborar planejamentos de ensaios detalhados, profundos, repletos de possibilidades que favoreçam o crescimento musical do grupo, pretenda direcioná-lo a alcançar uma sólida identidade vocal, permeando o estudo amplo de elementos técnicos do canto, sem deixar de aplicá-los na prática vocal do coro e ensaio do repertório.

Referências

- EHRET, Walter; *The Choral Conductor's Handbook*. Estados Unidos: Edward B. Marks Music Company/ Hal Leonard Corporation, 1959.
- MOORE, James A. Como Organizar e Realizar um Ensaio Coral Eficiente. In: CONVENÇÃO INTERNACIONAL DE REGENTES DE COROS, (1) 1999, Brasília – Brasil. Anais da Convenção Internacional de Regentes de Coros. Brasília: Editora do Departamento de Música da UnB, 1999. p. 47-53.
- OAKLEY, Paul F. O ensaio coral: A performance do Regente. In: CONVENÇÃO INTERNACIONAL DE REGENTES DE COROS, (1) 1999, Brasília – Brasil. Anais da Convenção Internacional de Regentes de Coros. Brasília: Editora do Departamento de Música da UnB, 1999. p. 113-128.
- SILANTIEN, John. Técnicas de Ensaio Coral para Aperfeiçoar a Afinação. In: CONVENÇÃO INTERNACIONAL DE REGENTES DE COROS, (1), 1999, Brasília – Brasil. Anais da Convenção Internacional de Regentes de Coros. Brasília: Editora do Departamento de Música da UnB, 1999. p. 91-94.
- WÖHLK, Helena Coelho; *Técnica Vocal para Coros*. 8ª Edição. São Leopoldo, RS: Sinodal 1994.

¹ "Before any single vocal line can be blended into the ensemble it must be a thoroughly blended unit in itself. Once the various lines are blended horizontally, they may be merged with each other to form a combination of horizontal and vertical blend" (EHRET, 1959: 34).